

ENTREVISTA
com a Escritora
LUCIENE NASCIMENTO



Por Rafaela Cássia PROCKNOV¹

Luciene Nascimento é um dos nomes mais promissores da literatura de autoria negra contemporânea. Ela, além de escritora, é advogada e maquiadora profissional. Seu livro *Tudo nela é de se amar – a pele que habito e outros poemas* sobre a jornada da mulher negra (2021), prefaciado pelo ator Lázaro Ramos, tem recebido inúmeras leituras dramáticas por todo o território nacional. Jovens e mulheres negras de todo o país têm se identificado, de maneira umbilical, com a obra e a têm marcado como uma poética que enuncia as complexas tramas de ser mulher e negra no Brasil.

1 Doutora pelo Departamento de Letras Modernas, na área de Língua Espanhola e Literaturas Espanhola e Hispano-Americana, da Universidade de São Paulo (USP), Mestra em Letras pela mesma instituição e área, Especialista em Semiótica Psicanalítica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Atualmente, Docente de Língua Portuguesa e Língua Espanhola, bem como de suas Literaturas, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), Campus Avaré. Endereço eletrônico: <procknov.rafaela@ifsp.edu.br.



Metalinguagens (Profª. Drª Rafaela Cássia Procknov)

Luciene Nascimento, gostaria de iniciar nossa entrevista pedindo-lhe para que relate, em linhas gerais, quais foram os fatores que a levaram a ser escritora, que lhe despertaram o interesse pela literatura.

Luciene Nascimento

Escrever o que sentia era uma necessidade para mim. O desejo de dar forma ao conjunto de sensações e de incômodos que experimentava, de colocar tudo isso no papel, foi algo muito influenciado pelos *raps* que escutava no fone de ouvido. Entendia que sabia escrever, que poderia fazer isso de maneira poética, mas a gente não sabe, quando escreve sem maiores pretensões, que está fazendo literatura. Minhas motivações não eram, portanto, as de uma escritora, mas as de uma humana incomodada com o mundo e que o olhava com sensibilidade para tirar de dentro de si as suas experiências, reais ou inventadas, para derramá-las no papel.

Metalinguagens (Profª. Drª Rafaela Cássia Procknov)

Conhecemos, como leitores, a Luciene Nascimento escritora, mas sabemos que todo escritor é, antes de tudo, também um leitor. Você poderia comentar um pouco a biblioteca da Luciene Nascimento leitora? No que diz respeito à literatura de autoria feminina negra, quais as escritoras lhe formaram enquanto leitora?

Luciene Nascimento

Eu não era uma leitora acima da média, mas em minha casa havia muitos livros de Jorge Amado e, por influência de meu pai que lia o autor em todos os cantos da casa, fui, gradativamente, também começando a ler algumas obras desse escritor. Tenho certeza,



inclusive, de que foi a leitura dos livros de Jorge Amado que me fez nutrir um imaginário que, com o passar do tempo, contribuiu para o meu encantamento pela Bahia e para a minha posterior vinda para Salvador, onde hoje resido. No que diz respeito à leitura de autoras negras, bell hooks foi a autora que me ensinou que a escrita objetiva e didática é um ato de amor, característica que passei a desejar “colocar em movimento”, devido ao respeito e à admiração que nutro pela obra dela.

Metalinguagens (Profª. Drª Rafaela Cássia Procknov)

O livro *Tudo nela é de se amar – a pele que habito e outros poemas* sobre a jornada da mulher negra (2021) é uma linda coletânea de poemas que elabora questões atinentes aos modos de vida das mulheres negras. Você poderia comentar como foi o processo de composição da obra e por que, em sua opinião como autora, ela tem fascinado mulheres negras de todas as partes do país?

Luciene Nascimento

O processo de composição da obra ocorreu durante a pandemia do coronavírus quando, ao ser convocada para recitar um poema ao vivo numa live de Lázaro Ramos no *Instagram*, um dos maiores editores do país, que acessou a transmissão, escutou, pela primeira vez, a minha poesia e, imediatamente, contactou-me. O passo seguinte foi o convite para eu publicar. Para isso, reuni as poesias que havia escrito ao longo dos últimos dez anos. Para completar a composição do livro, fui escrevendo, ao longo de cerca de cinco meses, os textos em prosa que costuram e introduzem os poemas. Já no que diz respeito à boa recepção da obra, acredito que meus textos são recebidos com carinho por tantas pessoas porque, ao falar sobre mim, ao investigar incômodos que em tese me atravessavam, pude enunciar e nomear questões que eram, ao mesmo tempo, parte da minha realidade, mas que também



falavam de questões estruturais e sociais que diziam respeito a tantas pessoas sujeitas às mesmas condições do que eu. Isso criou uma conexão entre nós, meus leitores e leitoras e eu, embora por mim inesperada, porém inevitável.

Metalinguagens (Prof^a. Dr^a Rafaela Cássia Procknov)

O livro *Tudo nela é de se amar – a pele que habito e outros poemas* sobre a jornada da mulher negra (2021) parece elaborar, em grande medida, a forma de estar no mundo de uma geração de mulheres negras que se automeia como empoderada e que tem se posicionado criticamente diante da violência do racismo e do sexismo. Uma das principais bandeiras dessa geração é a da valorização da beleza negra, mais especificamente, a da afirmação de uma estética feminina negra. Como você (que além de poeta e advogada é também maquiadora profissional) enxerga a importância do autocuidado (tópico tão debatido pelas feministas negras) na construção dessa estética feminina negra?

Luciene Nascimento

O autocuidado sempre esteve presente na construção da estética feminina negra, milênios antes dos conceitos que conhecemos hoje e, principalmente, muito antes de um mercado estético que se organiza para fazer dinheiro a partir de nossas inseguranças. Esse mercado é fruto de todo o sistema de opressão de gênero e de raça. Acredito que, ao resgarmos discursivamente o valor de um povo e, por conseguinte, permitirmos a ele acessar sua própria história, estamos resgatando a noção de autonomia e de beleza, elementos intrínsecos aos modos de vida ancestrais africanos, fartos em valores e saberes. Ser maquiadora, nesse sentido, despertou-me o olhar crítico acerca do funcionamento desse mercado estético, de como ressignificá-lo, de como trabalhar para a criação de uma



identidade estética positiva nas mulheres negras. Ser advogada despertou-me sobre as dinâmicas sociais da elite e seus restritivos e corporativos códigos de poder.

Metalinguagens (Prof^a. Dr^a Rafaela Cássia Procknov)

Para você, é exequível considerarmos que o Brasil, assim como os Estados Unidos, pode dar à luz uma certa indústria cultural negra que aponte em múltiplos sentidos? Nos Estados Unidos, por exemplo, temos no cinema, nomes como Spike Lee, Ava DuVernay, Ryan Coogler, Steve McQueen, Barry Jenkins, entre outros; na produção musical, figuras como o lendário Quincy Jones, na comunicação, personalidades como Oprah Winfrey, no cenário *pop*, nomes como Beyoncé. Onde estão os nomes correlatos nessas esferas no Brasil? Cinemas como o de Joel Zito Araújo e o de Jeferson De, se houvesse mais incentivo à cultura, ganhariam “mais asas” e chegariam ao grande público?

Luciene Nascimento

Essa pergunta me remete à entrevista do Ministro Silvio Almeida ao Mano Brown, no *podcast* “Mano a Mano”, em que ele diz, de maneira convicta, que o Brasil precisa ser fundado, ser inventado. José Moreira Salles, ao falar da “cultura da Amazônia” para a Folha de São Paulo, também investe seu argumento na teoria de que o imaginário cultural digno do Brasil ainda está para ser inventado, investido. Por isso, quando cotejo a fala de ambos, quero com essa comparação, responder que a disputa cultural, na indústria cultural e nos imaginários do país, passa por uma construção consistente de que os negros e os povos originários são partes constitutivas da nação, sem a qual não se pode pensar em cultura nacional. Portanto, considero, sim, exequível a ideia de uma indústria cultural negra, ela será fruto de uma disputa, de um projeto de país que está apenas começando, e que poderá se desenvolver apenas a partir do letramento racial (que vem se expandindo), da construção da



autoestima intelectual da população negra (para a qual estamos lentamente caminhando) e da formação de elites financeiras negras e indígenas brasileiras (realidade que poderá ser viável a partir das políticas públicas de democratização dos acessos à educação, cultura etc.). Estamos falando, por exemplo, da formação dos próximos diretores, roteiristas e atores não brancos, munidos de uma visão de mundo outra, além de um público atento e interessado em narrativas que contemplem a pluralidade de filosofias, saberes, estéticas, afetos e territórios. Somente desse modo veremos e, sem dúvida, veremos e chegaremos a uma profusão cultural, profusão esta que o projeto-bem-sucedido-de-ódio-chamado Brasil apenas permitiu esparsas amostras. A sua pergunta confirma que são poucos ainda os nomes negros que transitam na indústria cultural e nos apresenta o longo caminho ainda a percorrer para que sejam, enfim, muitos, tantos quanto quiserem ser os reconhecidos por sua arte e por sua contribuição para a indústria cultural do país.

Metalinguagens (Prof^a. Dr^a Rafaela Cássia Procknov)

O feminismo negro, no Brasil e nos Estados Unidos, tem sido uma fonte potente de pensamento para as escritoras negras. A noção de interseccionalidade, por exemplo, cunhada inicialmente pela jurista estadunidense Kimberlé Crenshaw, tem sido amplamente mobilizada para refletir como a exploração de classe e as opressões de raça e de gênero estão imbricadas na constituição das sociedades capitalistas. Para você, o pensamento feminista negro tem lhe fornecido instrumentos teórico-metodológicos para escrever e para elaborar a especificidade da experiência social e cultural das mulheres negras no âmbito da literatura, da poesia?

Luciene Nascimento

Tudo aquilo que contribuía para o que eu acreditava ser uma emancipação pessoal eu tomava posse, ainda que em minha escrita essas fontes nem sempre respingassem de

maneira orgânica, consciente e fluida. O fato de se tratar de obras pertencentes à teoria feminista, feminista negra, mulherista africana não fazia qualquer diferença para que eu me aproximasse delas. Eu diria que se tratou de uma perspectiva de conjunto, daquilo que chegasse primeiro e que eu conseguisse acessar lá no interior do estado do Rio de Janeiro, numa cidadezinha de 14 mil habitantes, onde eu residia, essa dinâmica foi o que acabou me formando como mulher negra para a vida.

Metalinguagens (Prof^a. Dr^a Rafaela Cássia Procknov)

Patricia Hill Collins (2019)², em diálogo com o pensamento de Audre Lorde (2019)³, propõe o conceito de “imagens de controle” para pensar nos estereótipos que a cultura dominante gestou sobre os negros. Observando o contexto brasileiro, poderíamos identificar uma profusão de imagens que tentam destituir o negro de sua humanidade, “mumificando-o” em lugares como o da “negra boazuda”, “a mãe preta”, “o crioulo doido”, “o negro de alma branca”, “o negro revoltado”, o “negão”, “o malandro”⁴ etc. Para você, como a literatura de autoria negra poderia contribuir para a ressignificação de tais imagens?

Luciene Nascimento

A construção dos estereótipos está profundamente conectada à não-individação dos indivíduos, ao desrespeito à pluralidade e às diferenças, essa construção é um verdadeiro ataque à humanidade do conjunto estereotipado. Dessa forma, a literatura de autoria negra porquanto carrega, através de cada autor e de cada eixo temático, a pluralidade existente de um povo, de um grupo, contribui para a reumanização desse povo, desse grupo.

² COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. Tradução: Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019.

³ LORDE, AUDRE. *Irmã outsider: Ensaio e conferências*. Tradução: Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

⁴ Para compor essa gama de estereótipos acerca do negro brasileiro, servimo-nos do panorama ofertado por João Carlos Rodrigues (2011).



Metalinguagens (Prof^a. Dr^a Rafaela Cássia Procknov)

Para você, a arte tem uma função social? Qual é o papel da literatura em uma sociedade desigual como a brasileira?

Luciene Nascimento

A literatura desenvolve sua função social como consequência de uma característica que lhe é inerente: a ampliação das possibilidades da vida, tanto do ponto de vista coletivo quanto do individual, ela promove uma imersão tão própria no que diz respeito à subjetivação de nossa experiência no mundo que coloca o sujeito em contato com as possibilidades do mundo e, ao mesmo tempo, com as possibilidades de si mesmo. A literatura permite, portanto, sonhar.

Concordo com Sidarta Ribeiro quando diz que “sonhos são antídotos para extinção humana” e isso considerando os inúmeros sentidos que a palavra “sonho” e a palavra “extinção” podem ter, já que as desigualdades da sociedade brasileira, no limite, sempre desembocam na extinção. A literatura pode ser, dessa maneira, um sonho, um antídoto contra nosso fim.

Envio: Dezembro de 2022.

Aceite: Dezembro de 2022.